

Artigo

“OBRIGADÍSSIMO, SÃO TOMÉ”: REVERBERAÇÕES NA AMÉRICA LATINA DA PARTICIPAÇÃO DE PAULO FREIRE EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Cecília de Sousa Reibnitz¹Jane Paiva²

DOI: 10.29327/2336496.8.2-4

Resumo: A experiência de Paulo Freire na participação das campanhas de alfabetização de São Tomé e Príncipe possuiu diferentes repercussões na América Latina. Alguns educadores deste continente passaram pelo arquipélago africano e afirmaram ter sido aquela uma importante referência para outras que colaborariam depois em terras latino-americanas – foi o caso do mexicano Arturo Ornelas e do chileno Antonio Faundez. Por outro lado, um dos escritos de Paulo Freire em São Tomé e Príncipe teve ao menos duas edições deste lado do mundo: no Equador e no México. Trata-se das *Cartas aos animadores e às animadoras culturais*, publicadas originalmente como manuscrito nas ilhas em 1978. Tal documento é bastante interessante por se dedicar, com profundidade, sobre o funcionamento dos Círculos de Cultura em perspectiva aplicada a respeito do uso dos *Cadernos de Cultura Popular* e da atuação de alfabetizadores junto a alfabetizandos. Nas edições dos livros em países latino-americanos, analisa-se e compara-se o trabalho santomense com outras experiências locais. Serão aqui analisados: uma entrevista com o mexicano Arturo Ornelas e relatos do chileno Antonio Faundez que participaram do processo em São Tomé e Príncipe e em países da América Latina; os materiais produzidos em São Tomé e Príncipe (*Cadernos de Cultura Popular* e *Cartas aos animadores e às animadoras culturais*); e as edições das *Cartas* publicadas em países latino-americanos (Equador e México). Trataram-se, portanto, de teorias, práticas e pessoas que circularam, fisicamente ou não, entre distintas e distantes comunidades, contribuindo para a alfabetização de adultos por meio de uma concepção libertadora.

Palavras-chave: Paulo Freire; São Tomé e Príncipe; América Latina; alfabetização.

“MUCHAS GRACIAS, SANTO TOMÉ”: REVERBERACIONES EN AMÉRICA LATINA DE LA PARTICIPACIÓN DE PAULO FREIRE EN SANTO TOMÉ Y PRÍNCIPE

Resumen: La experiencia de Paulo Freire en las campañas de alfabetización de Santo Tomé y Príncipe tuvo distintas repercusiones en América Latina. Algunos educadores de este continente visitaron el archipiélago africano y afirmaron que fue un referente importante para otros que luego colaborarían en tierras latinoamericanas – este fue el caso del mexicano Arturo Ornelas y el chileno Antonio Faundez. Por otra parte, uno de los escritos de Paulo Freire en Santo Tomé y Príncipe tuvo al menos dos ediciones en este lado del mundo: en Ecuador y México. Se trata de las *Cartas a Animadores Culturales*, publicadas originalmente como manuscrito en las islas en 1978. Dicho documento es bastante interesante por dedicarse, en profundidad, a la actuación de los Círculos de Cultura desde una perspectiva aplicada al uso de los *Cuadernos de Cultura Popular* y el trabajo de los alfabetizadores con los alfabetizandos. En las ediciones de libros en países latinoamericanos se analiza y compara el trabajo santomense con otras experiencias locales. Aquí se analizarán: una entrevista con el mexicano Arturo Ornelas y relatos del chileno Antonio Faundez, quienes participaron en el proceso en Santo Tomé y Príncipe y en países de América Latina; los materiales producidos en Santo Tomé y Príncipe (*Cuadernos de Cultura Popular* y *Cartas a los Animadores y las Animadoras Culturales*); y las ediciones de las *Cartas* publicadas en países latinoamericanos (Ecuador y México). Se trataron, por lo tanto, de teorías, prácticas y

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista FAPERJ. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5622-6530> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5829051297195056>

² Doutora, Professora Titular na Faculdade de Educação (aposentada) e atuante no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3501-8740> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3049044829510326>

personas que circulaban, físicamente o no, entre comunidades distintas y lejanas, contribuyendo a la alfabetización de adultos mediante una concepción liberadora.

Palabras claves: Paulo Freire; Santo Tomé y Príncipe; América Latina; alfabetización.

“THANK YOU, SÃO TOMÉ”: REVERBERATIONS IN LATIN AMERICA OF PAULO FREIRE'S PARTICIPATION IN SÃO TOMÉ AND PRÍNCIPE

Abstract: Paulo Freire's experience in literacy campaigns in São Tomé and Príncipe had different repercussions in Latin America. Some educators from this continent visited the African archipelago and stated that it was an important reference for other projects that would later take place in Latin American countries – such as the Mexican Arturo Ornelas and the Chilean Antonio Faundez. On the other hand, one of Paulo Freire's writings from São Tomé and Príncipe had at least two editions on this side of the world: in Ecuador and Mexico. This refers to the *Letters to Cultural Animators*, originally published as a manuscript on the islands in 1978. This document is quite interesting as it delves deeply into the operation of the Culture Circles from an applied perspective regarding the use of *Popular Culture Notebooks* and the role of literacy educators with learners. The editions of the books in Latin American countries analyze and compare the work of São Tomé and Príncipe with other local experiences. The following will be analyzed here: an interview with Mexican Arturo Ornelas and reports by Chilean Antonio Faundez, who participated in the process in São Tomé and Príncipe and in Latin American countries; materials produced in São Tomé and Príncipe (*Popular Culture Notebooks* and *Letters to Cultural Animators*); and editions of the *Letters* published in Latin American countries (Ecuador and Mexico). These were, therefore, theories, practices and people who circulated, physically or not, between distinct and distant communities, contributing to adult literacy through a liberating approach.

Keywords: Paulo Freire; São Tomé e Príncipe; Latin America; literacy.

Introdução

No dia 30 de março de 2023, uma conversa virtual em São Tomé e Príncipe permitiu o (re)encontro entre o mexicano Arturo Ornelas com estudantes daquele país africano, mediado por uma pesquisadora brasileira. A conversa, com uma gostosa mistura de português e espanhol aqui mantidas na transcrição, começou da seguinte maneira:

Meu nome é Arturo Ornelas, eu sou mexicano. Agora mesmo eu estou em Cuernavaca. Cuernavaca é a cidade da eterna primavera. O clima é muito bom.

Há muitos anos, como vocês podem ver, estive no seu país. Eu tinha 21 anos. Agora eu tenho 70... e tantos. [risadas]

Quando Paulo Freire nos convidou, a mim e a minha mulher, decidimos acompanhar para começar a trabalhar no seu país. Ao fazer isso, a gente começou a se conhecer a si mesmo e conhecer outro mundo (Arturo Ornelas, 2023).

O professor Arturo Ornelas Lizardi já foi coordenador do Instituto Paulo Freire do México e, antes disso, trabalhou com o educador brasileiro em diversos países, tanto da América Latina como da África. Para conversar com os santomenses, preparou uma apresentação com imagens e fotografias retratando sua experiência nas ilhas do Equador, como São Tomé e Príncipe é também conhecido, logo após sua independência (1975). Dentre elas, havia uma fotografia que interessou especialmente ao grupo interlocutor:

Figura 1: Alfabetizadores e alfabetizandos da comunidade de Monte Mário.



Fonte: Acervo pessoal de Arturo Ornelas.

A respeito da fotografia, Ornelas (2023) contou:

Bom, aquele é o grupo da gente. Eles foram 47 dos meus estudantes. *Na realidade, eu era o estudante, não eles.* [ri]. Eu tinha que aprender da sua vida, dos seus sentimentos, da sua política, do seu desejo de liberdade, como eles amavam unos a outros, como eles trabalhavam. (Arturo Ornelas, 2023. Grifos nossos)

São Tomé e Príncipe foi a primeira experiência do professor mexicano e parece ter-lhe deixado marcas profundas. Em muitas ocasiões mencionou o quanto aprendeu com os alfabetizandos: “São Tomé foi um grande maestro para mim, uma grande maestra também”. Lá, na pequena comunidade de Monte Mário, ao Sul da ilha de São Tomé, colaborou para a formação de uma grande campanha de alfabetização.

O professor falava de sua casa, onde o relógio marcava 6 horas da manhã, enquanto na sala informatizada da Universidade de São Tomé e Príncipe (USTP) era meio-dia. O grupo de pesquisa com quem Ornelas conversava tinha como objetivo pesquisar a história da alfabetização de adultos do arquipélago, foi criado em novembro de 2022, atuando até junho de 2023 no Instituto Superior de Educação e Comunicação (ISEC), que integra a única universidade pública do país. Dentre as atividades realizadas, estavam estudos teóricos, entrevistas e trabalho de campo na comunidade de Monte Mário.

As conversas/entrevistas foram pensadas segundo a metodologia de história oral, na qual duas abordagens, ou linhas, seguem sendo utilizadas: “[...] a que enfatiza a importância dos depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas e a que privilegia a importância das representações e considera a memória como um objeto de estudo em si mesmo” (Ferreira, 1998, p. X). A autora afirma que tais propostas podem coexistir, como é o caso do que pretende a presente pesquisa. Devido à falta de informações encontradas em outras fontes ou pesquisas anteriores, acredita-se que as entrevistas poderão preencher certas lacunas, pelo fato de que tais relatos estão impregnados pela memória que “[...] não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado” (Portelli, 2016, p. 18). A pesquisa com fontes orais torna-se rica e complexa, pois envolve memória, subjetividade, emoções e experiências do sujeito. Como fonte de pesquisa, deve ser problematizada, analisando como se deu a produção de determinado discurso. Os pesquisadores que trabalham com história oral ressaltam sua capacidade de suscitar, jamais de solucionar questões.

A conversa com Arturo Ornelas foi inspiradora para o presente artigo, pois muitas de suas recordações, acompanhadas de fortes emoções, interessam pelos significados que a experiência santomense lhe imprimiu como educador. Não é, nem poderia ser o objetivo, comprovar a veracidade de todas as informações, dispersas no tempo, sem outros indícios e profundamente subjetivas. As marcas deixadas por São Tomé e Príncipe, em alguma medida, o constituem e constituíram também outras de suas experiências latino-americanas.

Contudo, o mexicano não foi o único latino-americano a trabalhar ao lado de Paulo Freire, na alfabetização das ilhas do meio do mundo (outro epíteto de São Tomé e Príncipe, por se tratar de país mais próximo ao ponto de encontro entre a linha do Equador e o meridiano de Greenwich). O chileno Arturo Ornelas também lá esteve, nos primeiros anos da década de 1980, e em alguns relatos do livro *Oralidade e escrita* (1989) comparou a experiência africana com a de países da América. Além disso, parte do material produzido para a alfabetização e pós-alfabetização de São Tomé e Príncipe foi editado em países desse outro continente. Assim, a partir da análise dessas fontes principais, o presente artigo propõe-se a pensar reverberações na América Latina (AL) da participação de Paulo Freire em São Tomé e Príncipe.

1. Monte Mário: passado e presente

Monte Mário é uma pequena localidade situada a cerca de 60km da cidade capital São Tomé, no distrito de Caué, ao Sul da maior ilha do arquipélago, que se alcança depois de percorrer uma estrada ainda hoje difícil, com muitos morros, curvas e falta de calçamento. Visitamos três vezes a comunidade com o grupo de investigação criado junto à USTP, realizamos conversas, entrevistas e “recriamos” algumas das fotos mostradas por Arturo Ornelas. Muitos moradores compartilharam memórias e afetos daquela experiência piloto e algumas senhoras guardavam o *Primeiro Caderno de Cultura Popular* – a série de materiais criados para a alfabetização e pós-alfabetização de adultos. Três pessoas da fotografia mostrada por Arturo Ornelas foram identificadas como ainda residentes na comunidade e fizemos nova foto no mesmo local:

Figura 2: Agostinho Ramos Elias (72 anos), Constantino Malta Espírito Santo (vulgo Zumbi) e Vicente Pascoal



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

O nível do mar subiu, fazendo a paisagem perder a maior parte dos coqueiros que antes se encontravam ali – este é, aliás, um dos desafios do pequeno país insular frente às atuais mudanças climáticas: sua área total, antes considerada de 1001 km², vem-se reduzindo

e não completa mais o milhar, devido ao aumento do nível do mar³. A população é também pequena, porém em constante crescimento, com cerca de 210 mil habitantes, mantendo-se o predomínio das faixas etárias mais novas. Os três fotografados, agora senhores na comunidade, eram bastante jovens quando participaram tanto como alfabetizadores como alfabetizados no período em que Arturo Ornelas com eles conviveu. Estavam também lado a lado na fotografia antiga, nas posições 5, 6 e 7 dos sujeitos em pé, a contar da esquerda. Dois outros homens foram reconhecidos, ambos já falecidos, inclusive Jorge Batista, que se encontra à direita da foto, separado dos demais – este não pertencia à comunidade e foi um dos responsáveis pela campanha de alfabetização, posteriormente ocupou posições importantes na coordenação da educação de adultos do país. Infelizmente, Constantino Malta Espírito Santo, mais conhecido como Zumbi, também faleceu alguns meses depois de feita a fotografia. No dia da visita de 2023, os senhores mostraram-se felizes em compartilhar suas lembranças e ver as imagens antigas de sua comunidade. Deixamos na pequena escola local uma exposição de fotografias do passado e do presente, além de realizar conversas e apresentações com público de variadas idades.

Recuperando a história da alfabetização na ilha, no final do ano de 1976 a comunidade foi escolhida para ser a piloto de uma fase mais estruturada da campanha de alfabetização, que contaria a partir de então com a participação de Paulo Freire como assessor. O educador brasileiro esteve sete vezes nas ilhas do Equador, entre 1976 e 1979, de acordo com sua agenda, localizada no arquivo histórico do Conselho Mundial de Igrejas (Genebra/Suíça), onde trabalhou durante os últimos anos em que esteve exilado da ditadura civil-militar brasileira. Correspondeu-se por cartas, durante e após esse período, e manteve um trabalho marcadamente coletivo, tanto com membros do Instituto de Ação Cultural (IDAC) com sede em Genebra, como com santomenses, principalmente da grande *Comissão Interministerial para Alfabetização de Adultos*, formada para o enfrentamento da questão.

Alda Espírito Santo, importante personalidade santomense, realizou um belo relato registrado em livro de Freire e Guimarães (2011, p. 70), sobre a experiência no local:

E, então, começava o processo de alfabetização precisamente pelo sul da ilha, na região mais inóspita, região voltada para o mar, num pequeno lugarejo. Estávamos no princípio, houve a nacionalização e tudo mais. E havia um indivíduo que estava nessa pequena povoação, Monte Mário. Era um português, que estava à frente da dependência de Monte Mário e que tratava ainda os seus trabalhadores da velha forma, à antiga. E o mais engraçado é que o processo de alfabetização fez com que a

³ “As Ilhas de STP ficaram mais pequenas”, Téla Nón, 2020. Disponível em: <https://www.telanon.info/sociedade/2020/09/23/32609/as-ilhas-de-stp-ficaram-mais-pequenas/>. Acesso em 2 abr. 2023.

população... como é que se chamava na altura o fato de fazer com que o indivíduo saltasse, saísse da vossa frente? Até havia um termo especial. Enfim, ele foi excluído do trabalho que fazia, devido ao processo de alfabetização. As pessoas começaram a libertar-se mentalmente e a ver que aquele indivíduo os tratava mal.

Um pouco adiante na mesma entrevista, Alda Espírito Santo, a poeta-política-professora, lembra que a palavra usada naquelas situações era *sanear* – “O indivíduo foi saneado, foi corrido: ‘ele já não serve para trabalhar conosco, porque quer utilizar-nos como escravos’” (Freire, Guimarães, 2011, p. 72). O relato mostra que a educação realizada no local cumpria seu objetivo como arma para a libertação dos longamente colonizados habitantes da ilha. Muito mais do que o aprendizado de letras e palavras, a campanha de alfabetização se propunha a promover educação crítica, possibilitando ao povo “[...] dizer sua palavra” (Freire, 1989), tomar o seu lugar na luta, se libertar dos opressores e de toda forma de opressão, conforme os objetivos anunciados.

O presidente do período, Manuel Pinto da Costa, também se mostrou particularmente entusiasmado no discurso que realizou sobre a experiência:

Um círculo de cultura existe já na Praia de Monte Mário. Os alfabetizados deste círculo são a certeza de que o silêncio já não é possível. [...] Outros círculos serão criados noutras áreas populacionais do nosso país, que irão revelando às massas a sua força, o seu poder de enterrar o velho e de criar e recriar o novo (Revolução⁴, 21/01/1977, p. 3)

A alfabetização era entendida como parte da criação de uma nova sociedade, como uma das tarefas para superar os mais de 500 anos de colonialismo que as ilhas enfrentaram. O mote *a luta continua* era expressão constante no período, não apenas em São Tomé e Príncipe, mas também nos demais países que conquistavam suas independências, por se entender que a emancipação política não era o ponto final de um processo de dominação tão extenso e excludente. A expressão tornou-se título de todos os livros elaborados para a alfabetização e a pós-alfabetização. Segundo análises de Frantz Fanon (1961 p. 90-91), estudioso e defensor de lutas por emancipação das colônias, tratava-se da segunda fase da guerra de libertação, ou seja, a fase da construção da nação.

Então, compreende-se melhor a originalidade do vocabulário utilizado nos países subdesenvolvidos. Durante o período colonial, convidava-se o povo a lutar contra a opressão. Depois da libertação nacional, convida-se a lutar contra a miséria, o analfabetismo, o subdesenvolvimento. A luta, afirma-se, continua. O povo comprova que a vida é um interminável combate.

⁴ Revolução era o único periódico editado nos primeiros anos pós-independência e era, conforme informado nas páginas iniciais, um “Órgão do Ministério da Informação”, divulgando, portanto, informações e perspectivas que interessavam ao governo.

Assim, a continuidade da luta contra o colonialismo envolvia a educação, com ênfase na alfabetização. Desde a criação do Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP) em 1960, que posteriormente se transformou no Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), constava de seu programa a exigência de campanhas de alfabetização (Seibert, 2001, p. 94).

As estatísticas variam muito, não são precisas, mas se supõe que havia um contingente de cerca de 80% da população não alfabetizada em 1975, ano da independência (São Tomé e Príncipe, 2012). O dado encontrado em fonte histórica, no jornal *Revolução* editado no país após sua emancipação, afirmava que em 1985 a taxa de analfabetismo poderia ter caído para apenas 22% (*Revolução*, 11/09/1985, p. 2). Passados quase 49 anos da independência, São Tomé e Príncipe apresenta, como últimos resultados de pesquisa, uma taxa de alfabetização de 90%, considerada a melhor indicação entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Embora estatísticas sejam necessárias, escondem uma série de nuances, como a grande disparidade ainda existente entre homens e mulheres; imprecisões; e um vai-e-vem de campanhas e políticas públicas destinadas ao tema.

Retomando a finalidade de analisar alguns dos documentos produzidos a partir de 1976, com a participação de Paulo Freire nas ilhas, na fase de estruturação das campanhas de alfabetização, propõe-se um diálogo com alguns indícios encontrados sobre sua repercussão na América Latina.

Assim, iremos, por um lado, nos deter a respeito de falas e escritos de educadores deste continente (AL) que passaram pelo arquipélago africano e afirmaram ter sido importante a experiência no local para outras que viriam a se desenvolver em terras latino-americanas – o caso do mexicano Arturo Ornelas e do chileno Antonio Faundez. Por outro lado, um dos escritos de Paulo Freire em São Tomé e Príncipe teve ao menos duas edições deste lado do mundo: no Equador e no México. Trata-se das *Cartas aos animadores e às animadoras culturais*, publicadas como manuscrito nas ilhas em 1978. Tal documento é bastante interessante por se dedicar, com profundidade, sobre o funcionamento dos Círculos de Cultura em perspectiva aplicada a respeito do uso dos *Cadernos de Cultura Popular* e da atuação de alfabetizadores junto a alfabetizandos. Nas edições dos livros em países latino-americanos, analisa-se e compara-se o trabalho santomense com outras experiências locais.

2. A luta continua: *Cadernos de Cultura Popular*

A partir da experiência em Monte Mário foram selecionadas palavras-geradoras que constariam no *Primeiro Caderno de Cultura Popular*. Esse *Caderno* era composto por 20 palavras, mesma quantidade presente em outras experiências de Paulo Freire. Nas páginas finais havia pequenos textos extraídos de discursos do então presidente Manuel Pinto da Costa. Dentre as primeiras palavras estavam POVO, BONITO (nome de um peixe muito saboroso consumido por lá), e MATABALA (espécie de inhame plantado nas ilhas) – esta última palavra é particularmente rememorada nas conversas entre aqueles que participaram da alfabetização, e que iniciaram na entrevista, com entusiasmo, a ditar sua decomposição. A primeira frase do *Caderno* também foi bastante lembrada: “O Povo é bonito na Luta”. No *Caderno* constam ainda várias imagens (codificação), pelas quais se deveria iniciar a discussão do tema provocado pela palavra geradora – só após a decodificação é a que a escrita da palavra seria apresentada.

Restou nos dias de hoje, um total de seis *Cadernos de Cultura Popular* e um *Caderno de Exercícios* desta fase da alfabetização. Pouco depois seriam feitos outros dois, ainda com a participação do IDAC, que seguem um formato um pouco distinto⁵. Paulo Freire auxiliou no primeiro deles (sobre palavras geradoras); no de *Exercícios* (pensado para ser praticado concomitantemente ao primeiro); e no *Segundo Caderno* (voltado à pós-alfabetização) – apesar de seu nome não constar em nenhum deles. O chileno Antonio Faundez, redigiu o *Quinto Caderno*, o único a contar com autoria nos dados cadastrais, e auxiliou na produção do *Sexto* — um interessante compilado de contos da tradição oral santomense, gravados e transcritos para publicação.

Orlando Chemane, professor na Universidade Pedagógica de Moçambique e cuja tese de doutorado aborda a relação de Paulo Freire com a África (Chemane, 2017a), afirmou que São Tomé e Príncipe é considerado um caso de sucesso no continente:

Têm sido apontados para o referido êxito o tamanho do país, a infraestrutura construída, devido à necessidade de rentabilidade agrícola, as suas poucas etnias, idiomas, etc. (FAUNDEZ, 1989), mas quase nunca se tem em conta o material didático que Paulo Freire elaborou junto com os educadores são-tomenses⁶. Isso nos

⁵ Tais documentos podem ser encontrados no Acervo Educador Paulo Freire (Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/>) e foram vistos guardados em São Tomé e Príncipe por algumas pessoas, especialmente o centenário professor Galino Quaresma Vaz d’Almeida. Grande parte da coleção do professor foi cedida para a exposição permanente montada na Embaixada do Brasil no país, disponível para a pesquisa local.

⁶ A nacionalidade de São Tomé e Príncipe pode ser escrita *santomense* ou *são-tomense* e refere-se aos naturais de ambas as ilhas. Paulo Freire e Arturo Ornelas estiveram apenas na ilha maior, São Tomé, porém as políticas

parece importante sinalizar, porque esse material pode ajudar, na África e não só, no resgate de um legado precioso de livros didáticos para a alfabetização e a sua consideração na formulação de novas propostas de educação pelos estudiosos da educação. (Chemane, 2017b, p. 184).

Faundez, citado por Orlando Chemane, também pertenceu ao IDAC e atuou em São Tomé e Príncipe — assumiu, como afirmou Paulo Freire, o lugar que este ocupava no Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas após seu retorno ao Brasil em 1980 (Freire, Faundez, 1985). De nacionalidade chilena, Faundez comparou algumas vezes o trabalho de alfabetização entre os continentes africano e sul-americano.

No livro *falado Por uma pedagogia da pergunta*, os educadores se animam ao conversar novamente sobre São Tomé e Príncipe: “[...] efetivamente dialogamos desde que nos conhecemos, em novembro de 1978, quando teve início um diálogo jamais concluído [...] mantivemos um diálogo constante, sobretudo com relação a experiência de São Tomé e Príncipe” (Freire, Faundez, 1985, p. 7). Nos momentos em que se referem às vivências nas ilhas do Golfo da Guiné, percebe-se grande entusiasmo, como nas seguintes passagens:

Paulo - Enquanto falavas, eu me lembrava de um curso de formação de alfabetizadores que coordenamos, anos atrás, Elza e eu, em São Tomé e Príncipe. Foi uma das melhores experiências de que participamos na África — a de formar quadros tanto quanto possível vivendo a unidade entre teoria e prática. (Freire, Faundez, 1985, p. 55)

Antonio – Paulo, gostaria de desafiá-la em algo que me tocou profundamente nesta aprendizagem que tive em São Tomé – porque, de fato, eles me ensinaram mais do que eu pude ensiná-los...

Paulo – É, isso ocorre sempre. (idem, p. 81)

Paulo Freire e Antonio Faundez ensinaram e aprenderam, em constante processo dialógico, em São Tomé e com os sujeitos envolvidos, assim como Arturo Ornelas, para quem São Tomé foi um *maestro* - “[...] foi o meu primeiro livro humano. [risadas]. E hizo em mim, minha própria humanização” (Arturo Ornelas, 2023).

Em outro momento da conversa retratada no livro, Freire contou que, depois de enviar a proposta inicial da obra, recebeu uma carta do presidente Pinto da Costa, elogiando o *Segundo Caderno de Cultura Popular* e afirmando que, com o escrito, o educador brasileiro se tornava “[...] um pouco cidadão são-tomense”. Sobre o mesmo escrito, Freire confessou a Sérgio Guimarães considerar este um dos melhores livros que escrevera:

Nesse sentido, Sérgio, talvez perdendo um pouco a humildade necessária, e não fabricada, eu te diria que talvez seja esse um dos melhores livros meus, e que, por coincidência, vai ser publicado não com o meu nome, mas sim com o nome do Ministério da Educação de lá, como se fosse um nacional que tivesse escrito. Eu achei muito melhor esse caminho do que exigir o meu nome nesse negócio. Para

educacionais para a alfabetização de adultos seguiram os mesmos caminhos e foram igualmente aplicadas na ilha de Príncipe.

afirmar o quê? O que me interessa é dar uma contribuição a um povo que está lutando para ser, e não pôr nas relações bibliográficas mais um livro (Freire, Guimarães, 2011, p. 54).

Assim, embora oficialmente o livro não conste em sua extensa produção bibliográfica, Freire afirma em diferentes ocasiões sua autoria e a satisfação em tê-lo escrito. É também de se notar o sentido conferido para a luta: “[...] um povo que está lutando para ser” deixa em aberto o verbo *ser*, não o define, não o qualifica, de modo que o devir do povo, sua existência, deverá ser construída por seus próprios cidadãos e cidadãs. Grande parte dos textos do *Segundo Caderno* procuram justamente provocar a reflexão no sentido do enorme esforço de construir a nação são-tomense e sobre a responsabilidade individual e coletiva que demandava o processo.

A respeito do *Quinto Caderno*, Antonio Faundez (Freire, Faundez, 1985, p. 75) também afirmou:

[...] este pretendia provocar, desafiar o povo de São Tomé e Príncipe e nós mesmos a colocarmos problemas concretos e refletir sobre eles.

O caderno se chama Participación y Reconstrucción Nacional, e compreende três capítulos: “Revolución y Participación”, “Cultura y Participación” e “Economía y Participación”. Muito bem. E como nasce esse livro? [...]

Nasce fundamentalmente, repito, de minhas experiências em Moçambique, ao lado de seu povo.

Percebe-se como as experiências de alfabetização se influenciavam mutuamente. Se, para São Tomé e Príncipe, Faundez afirmou a importância do trabalho que realizara em Moçambique (Freire, Faundez, 1985), quando se refere à campanha de alfabetização da Nicarágua (Faundez, 1989) realiza muitos paralelos com o arquipélago do Golfo da Guiné. Em um texto dedicado à comparação entre esses dois países, presente no livro *Oralidade e escrita* (Faundez, 1989, p. 70), o autor afirma que: “A análise das experiências em São Tomé e Príncipe e na Nicarágua nos permitiu discernir certos pontos de convergência e de divergência que deveriam remeter para o aprofundamento de nossas práticas e teorias pedagógicas”.

Aponta, então, para oito pontos, nos quais se notam muito mais convergências do que divergências. Dentre os aspectos destacados, menciona que “[...] foi necessário recorrer à formação e utilização de ‘professores populares’ para preencher a lacuna de professores titulados” (Faundez, 1989, p. 70), apesar de que em São Tomé e Príncipe a situação se deu desde o início, enquanto na Nicarágua foi apenas na fase da pós-alfabetização. A experiência do arquipélago africano e a da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua convergiam nos objetivos, na medida em que “[...] os dois programas se desenvolvem em países em

processo de reconstrução nacional, tanto do ponto de vista econômico, político, quanto cultural” (Faundez, 1989, p. 70). Contudo, em São Tomé e Príncipe o processo iniciara um pouco antes, enquanto no país latino-americano se dera sobretudo em 1980. Assim, algumas medidas adotadas naquele território africano poderiam contribuir para este, centro-americano: “[...] os textos do material didático elaborado em São Tomé e Príncipe tentam fazer coincidir os interesses da nação (Estado-nação), com os interesses das etnias⁷. A Nicarágua deveria acentuar essa relação de complementaridade” (Faundez, 1989, p. 71). Outra observação foi compartilhada com Paulo Freire no tocante à ênfase do aspecto cultural:

Constatamos que, enquanto em São Tomé e Príncipe havíamos utilizado todo esse descobrimento na cultura popular para elaborar materiais didáticos, o mesmo não se havia realizado ainda na Nicarágua, ou seja, não se havia utilizado todo esse material coletado para elaborar cadernos de cultura popular que pudessem servir ao povo como desafio para aprofundar, para criar uma nova cultura a partir de sua própria cultura (Freire, Faundez, 1985, p. 83)

Assim, os *Cadernos* tinham a preocupação de partir e discutir aspectos intrínsecos à cultura do país. Seus usos foram discutidos durante os seminários de capacitação⁸ que Paulo Freire fazia quando estava em São Tomé (o educador não esteve na ilha do Príncipe) e seguiam sendo aprimorados e repensados pelos coordenadores locais.

O educador brasileiro escreveu, ainda, em nome da Comissão Nacional Coordenadora dos Círculos de Cultura Popular, cartas destinadas aos e às animadores/as. Trata-se de um detalhado conjunto de explicações, tanto teóricas quanto práticas/metodológicas, sobre como atuar nos Círculos de Cultura e utilizar os *Cadernos de Cultura Popular*. Diferente das conhecidas *Cartas à Guiné-Bissau* (Freire, 1978), destinada à equipe política, as cartas santomenses se destacam por fazer referência à prática da alfabetização propriamente dita, no cotidiano dos Círculos de Cultura. Freire afirmou que procurou redigir um suporte para o trabalho da alfabetização, mas não gostaria que se tratasse de um *guia* – “Eu sugeri que fossem cartas para deixar o animador, desde o começo, mais ou menos convencido de que as cartas não são prescrições, mas são antes elementos desafiadores também deles” (Freire, Guimarães, 2011, p. 58). As cartas resultaram, assim, em um material fundamental sobre a proposta de Paulo Freire em São Tomé e Príncipe.

⁷ Uma das questões recorrentes no trabalho de Paulo Freire no continente africano, sobretudo na Guiné-Bissau, refere-se à variedade linguística existente e o desconhecimento do português – língua escolhida pelo país para alfabetização, ao contrário do que aconselhava o assessor. No caso de São Tomé e Príncipe, assim como Cabo-Verde, o problema não foi tão frequente, pois, apesar da presença de outras línguas, o português era mais disseminado. Não será possível entrar aqui em profundidade nesse tema.

⁸ Capacitação era o termo utilizado à ocasião para o que na atualidade defendemos como formação — inicial e continuada.

3. Cartas que viajaram mundos: entre santomenses e latino-americanos

As *Cartas aos animadores e às animadoras culturais* são um conjunto de quatro escritos, publicados pela primeira vez em São Tomé e Príncipe em 1978, em um documento datilografado com cerca de 80 páginas. Tais cartas integraram também outros livros em distintos países, a saber: *A questão política da educação popular*, organizado por Aída Bezerra e Carlos Rodrigues Brandão, no Brasil, com primeira edição em 1980; uma das cartas foi traduzida para o inglês e comentada por Paulo Freire nos *Cadernos da Unesco*, em 1980; outras compõem o livro *Cartas a los alfabetizadores*, traduzidas e editadas por German Mariño no Equador em 1989; e, ainda, em *Cuatro cartas a los Animadores de los Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe*, organizadas por Marcel Arvera Damián no México, em 2007.

Os comentários feitos no Equador e no México são bastante expressivos. Para Damián (2007, p. 11-12):

Estas Cuatro Cartas son importantes en sí mismas porque representan el mejor legado político y pedagógico de Paulo Freire. Incluso, no es aventurado decir que estas Cuatro Cartas contienen elementos suficientes para ser consideradas como el punto máximo de la criticidad en la praxis política y pedagógica del educador brasileño, pues la experiencia educativa en las islas de São Tomé e Príncipe, permitieron a Freire desarrollar y cristalizar las ideas maduras a lo largo de su vida y obra, y de todas las experiencias agridulces de alfabetización que Freire animó en varias naciones del mundo.

Assim, o editor considera os escritos como o “[...] mejor legado político y pedagógico” de Freire, o “[...] punto máximo de la criticidad” de sua prática. Bonita é a expressão “[...] experiencias agridulces de alfabetización”, reconhecendo que o amadurecer se faz no processo, cada situação proporciona sabores doces e amargos e influencia as demais. Portanto, de acordo com o editor, a experiência de São Tomé e Príncipe poderia contribuir com o contexto mexicano.

Faundez (1989, p. 19) também considerou o trabalho realizado em São Tomé e Príncipe como um aprimoramento das práticas de Paulo Freire e, em uma nota de rodapé do livro *Oralidade e escrita*, realiza um comentário parecido com o do educador mexicano:

[...] acreditamos que o trabalho que ele realizou durante sua permanência no Conselho Mundial das Igrejas e seu encontro com a África – e, sobretudo, com São Tomé e Príncipe – contribuiu enormemente para enriquecer sua prática e sua teoria pedagógica. Certamente, essa nova etapa em sua práxis pedagógica lhe permitiu questionar alguns métodos e algumas ideias iniciais que, do ponto de vista político-pedagógico, podiam parecer criticáveis.

O livro mexicano é integrado por uma apresentação assinada pelo *Centro Regional Intercultural de la Pedagogía Popular*, em Montaña Alta de Guerrero, e uma “[...] advertencia del traductor”, Marcel Arvea Damián. O educador afirmou que primeiro realizou a tradução do material do português para o castelhano para seus estudantes de pós-graduação e para professores do estado de Oaxaca que trabalhavam em comunidades indígenas. A finalidade dessa tradução era para que “[...] conozcan las ideas fuerza que en materia de educación popular desarrolló Paulo Freire” (Damián, 2007, p. 15). O estado de Guerrero (México), onde o livro foi editado, encontra-se ao lado de Oaxaca, por isso, afirmou-se ser uma “[...] edición especial para los educadores de La Montaña guerrerense [...]” (Damián, 2007, p. 8). Na apresentação, realiza-se comparação entre o contexto do país/região em que é publicada e o de São Tomé e Príncipe:

Esta obra escrita para los Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe, afirma la acción liberadora de la alfabetización popular a través de la vinculación estrecha con las necesidades de salud, producción y trabajo de los alfabetizandos.

Por eso creemos que Paulo Freire está muy cerca de nosotros, pues nos alienta para transformar las precarias condiciones de La Montaña guerrerense y nos permite animar la lucha contra el rezago social y educativo que injustamente padecemos. Este desafío obliga que los educadores de La Montaña resignifiquemos nuestra práctica social, mirando hacia todos aquellos excluidos de la palabra hablada y escuchada, leída y escrita...

Acredita-se, portanto, que Paulo Freire estava “[...] muy cerca de nosotros” e que o trabalho de alfabetização como ação libertadora aproximava de certa forma lugares tão distantes geograficamente, e no tempo.

Há, além das cartas aos animadores/as, o capítulo *O povo diz sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe* do livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (Freire, 1989), no qual Paulo Freire comentava e analisava os *Cadernos de Cultura Popular* e o *Caderno de Exercícios*. A edição mexicana chama a atenção também por se tratar de uma publicação do século XXI, com bastante afastamento da experiência nas ilhas africanas da década de 1970, confirmando a permanência e a relevância do processo vivenciado em São Tomé e Príncipe.

O tradutor afirmou que o texto *O povo diz sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe* já havia sido publicado em, ao menos, duas edições em castelhano, mas que esta seria a primeira versão das cartas no idioma. Para tanto, teria se valido da edição brasileira presente no citado livro *A questão política da educação popular*. Já havia, contudo, ao menos uma edição das cartas santomenses em língua castelhana, publicadas em Quito, Equador, em 1989.

Na apresentação da edição equatoriana, assinada pela equipe Corporación Equatoriana para el Desarrollo de la Comunicación (CEDECO), explicou-se que seriam ali publicadas três das quatro cartas escritas por Paulo Freire em São Tomé e Príncipe. Ao final de cada uma, havia comentários críticos do colombiano Germán Mariño “[...] a la luz de sus experiencias en varios países de América Latina” (Freire, Mariño, 1989, p. 8). A quarta e última carta, dedicada à pós-alfabetização, ficou de fora dessa publicação, cujo objetivo estava centrado na fase inicial do processo de aprendizado da leitura e da escrita, tendo em vista a campanha de alfabetização que também se desenvolvia no Equador:

No obstante su contexto africano, creemos que las cartas de Freire, igual que los comentarios, son altamente relevantes para los alfabetizadores en la campaña que se realiza actualmente en el Ecuador. Son textos que aclaran la concepción freiriana, que aportan elementos para la reflexión crítica sobre las cartillas y que presentan ideas valiosas para la alfabetización en nuestro país (Freire, Mariño, 1989, p. 8)

Há uma preocupação maior em apresentar o contexto do país africano, com mapa e informações gerais sobre sua localização e constituição. Os textos são intercalados com algumas fotografias — no geral, de pessoas trabalhando e estudando. Não há legendas nas imagens, quase todas extraídas de diferentes *Cadernos de Cultura Popular*. A edição não parece ter sido pensada a partir de um grupo tão específico, como no caso do mexicano, pelos educadores populares da Montaña Alta de Guerrero. Esperava-se, de modo mais geral, “[...] que este cuaderno ayude a los alfabetizadores y otros interesados a enriquecer sus tareas educativas, y que contribuyan el debate crítico sobre la alfabetización” (Freire, Mariño, 1989, p. 9).

Os comentários de Germán Mariño são contribuições relevantes às cartas escritas por Paulo Freire — analisa, interroga, sugere modificações em algumas práticas, repensa seus usos. O educador redige também em forma de carta, destinada ao próprio Freire, a quem chama *compañero* e inicia chamando atenção para o modo como as cartas santomenses são endereçadas: *camaradas*. Seria um indício sobre “[...] cuál Freire es el Freire que escribe las cartas a San Tomé y Príncipe” (Freire, Mariño, 1989, p. 38), com ênfase no caráter político da alfabetização e tendo em conta a análise de classes sociais. Os comentários de Mariño sobre as cartas aos animadores e animadoras de São Tomé e Príncipe fazem referência a variadas campanhas de alfabetização do continente Sul-americano, por vezes com questões práticas, por vezes de caráter mais metodológico.

Logo Mariño elogia a sugestão de Freire para que o animador introduza outros temas geradores – no caderno africano há páginas deixadas em branco para tal propósito. Esta seria

também, de acordo com o autor, uma boa solução para a questão encontrada na Colômbia a respeito da diversidade de seus contextos. Por outro lado, critica alguns procedimentos — sobretudo questiona a escolha e a lógica das palavras-geradoras, como se verá à frente. Em outros pontos, enaltece as propostas freireanas:

[...] su planteamiento de que hay que acabar con la idea de que lo primero que hay que hacer en una comunidad es alfabetizar; lo prioritario debe ser realizar una ‘acción cultural’ que transforme la realidad. Y los educadores populares deberíamos ser tercamente coherentes con este postulado. (Freire, Mariño, 1989, p. 41)

No livro *A África ensinando a gente*, Paulo Freire, ao discorrer sobre o trabalho feito na Guiné-Bissau, explicou melhor a respeito desse importante postulado:

[...] as experiências revelaram também que nem sempre o fundamental, num trabalho de educação popular, é ensinar a ler e a escrever palavras, mas o fundamental é “ler”, “reler” e “reescrever”, com aspas, a realidade. Isto é, desenvolver uma compreensão crítica do próprio processo histórico, político, cultural, econômico e social em que as massas estão inseridas (Freire, Guimarães, 2011, p. 48)

Sobre o tema, Mariño mencionou uma experiência desenvolvida em certa comunidade rural peruana, na qual os camponeses estavam se desmotivando com o lento aprendizado da escrita que não satisfazia alguns problemas urgentes e imediatos. Recomeçaram, então, a trabalhar, iniciando apenas com números, cuja aplicação lhes era essencial: “[...] em qualquer hipótese em que haja um processo de alfabetização, a leitura da realidade se impõe, se a opção política é liberadora”, como afirmava Freire (Freire, Guimarães, 2011, p. 48).

O inverso também ocorreu nos textos de Germán Mariño, com referências a situações vividas na América Latina que poderiam aprimorar questões propostas por Freire nas cartas santomenses. Era o caso da sugestão de Freire para que os/as animadores/as santomenses fizessem um caderno de notas — a criação de um *diário de campo* na Nicarágua parece ter sido bem desenvolvida e poderia contribuir para melhorar a proposta africana.

Ainda a respeito da primeira carta, Mariño expressa preocupação com relação ao tempo estimulado por Freire, que aconselhava os santomenses a utilizarem uma semana para cada palavra geradora e, passadas três delas, uma destinada à revisão. Para o educador colombiano, este tempo seria demasiadamente longo: “Entiendo que en el cálculo del tiempo intervienen muchas variables y que es imposible ser taxativos, pero sí debería diseñarse un programa más rápido para evitar que la deserción, que de hecho ya es muy alta aumente aún más” (Freire, Mariño, 1989, p. 43).

Os comentários a respeito da segunda carta são mais curtos. Mariño chama a atenção para o fato de os conteúdos dos *Cadernos de Cultura Popular* santomense terem alcance

nacional, o oposto à maioria das propostas de Freire mais *localistas*. Esta questão parece-nos estar também relacionada à pequena dimensão do país africano que, apesar de sua diversidade interna, não tem tantas e tão distantes realidades socioeconômicas. Critica também a ausência da história nos materiais propostos com a participação de Paulo Freire, quando o passado aparece apenas como ferramenta didática eventual. Nesse aspecto, a proposta na Nicarágua apresentaria um contraste com maior consistência e preocupação com a história do país. Tampouco estavam claras, para Mariño (Freire, Mariño, 1989, p. 54), as propostas para o futuro de São Tomé e Príncipe: “Y esa ausencia de pasado es tan peligrosa como la estrechez espacial, el ‘presentismo’ es tan unilateral como el ‘localismo’. Un pueblo sin memoria es un pueblo sin historia”.

Assim, o ponto central para o autor, esboçado no primeiro comentário e que aparentemente seria mais desenvolvido no último texto, foi a crítica à falta de estrutura que justificasse e oferecesse coerência às escolhas temáticas: “[...] no deja de inquietarme el hecho de que que (sic) los temas generadores de esta cartilla parezcan más una lista de problemas o tópicos relevantes que una verdadera estructura, que por lo demás no tiene por qué ser lineal” (Freire, Mariño, 1989, p. 55). Não haveria, assim, de acordo com o comentador, uma concepção estratégica que levasse a ser discutida a construção de uma nova sociedade; pensa que as palavras geradoras parecem dispersas da conjuntura e que os temas não estavam bem articulados entre o *Primeiro Caderno* e o *Caderno de Exercícios*.

Contudo, o terceiro e último comentário, que apontava para maior aprofundamento nessa crítica central, está incompleto. O livro fonte encontrado está digitalizado como parte do acervo do Centro de Referência Paulo Freire e, durante a pesquisa, não foram localizadas outras versões. Ressalte-se que foi deixado de lado, na edição equatoriana, a quarta e última carta aos/às animadores/as santomenses. Seria relevante considerá-la na análise de Germán Mariño, pois talvez nessa etapa se pretendesse melhor desenvolver o que sentira como falta de estruturação para o projeto nacional. De acordo com Faundez (1989, p. 63), ao referir-se à experiência santomense: “*A tarefa essencial da pós-alfabetização é, por conseguinte, permitir a aquisição do domínio de ciências e técnicas que possam resolver os problemas políticos e sociais*” (grifos no original).

Contudo, se a alfabetização conquistara grande dimensão no final dos anos 1970 e, sobretudo nos primeiros anos da década seguinte, houve interrupção a partir de 1983, gerada por profundas crises econômicas, ambientais e questões políticas que propunham outras

prioridades. A fase da pós-alfabetização é muito menos lembrada nos depoimentos recolhidos e nos registros de jornais e relatórios do período, não sendo possível dimensionar seu alcance.

A alfabetização em São Tomé e Príncipe, portanto, tratou-se de experiência singular, mas que, a despeito de especificidades, pôde contribuir nas reflexões de práticas de outros países. Antonio Faundez (1989, p. 31) destacou tal questão e, ao refletir durante seu andamento, afirmava:

[...] parece-nos útil chamar a atenção para certo número de ideias que, levando em conta acertos e erros, poderiam permitir melhorar o trabalho futuro em outros processos aplicados a outras realidades sociais e naturais. Não há dúvida de que o processo que descrevemos aqui é único, possuindo características que o distinguem de outros semelhantes. Todos os elementos que o constituem - material didático, motivações, relação animador cultural/aluno, etc. - são criações particulares que devem nascer das respostas que o próprio povo encontra durante a pesquisa de sua formação.

Assim, a originalidade da experiência educacional de São Tomé e Príncipe, que seria “[...] ao mesmo tempo, relativa e absoluta [...]” (Faundez, 1989, p. 31), viria a enriquecer práticas tão semelhantes quanto díspares de países latino-americanos. Foram teorias, práticas e pessoas que circularam, fisicamente ou não, entre distintas e distantes comunidades, contribuindo para a alfabetização de adultos por meio de uma concepção libertadora.

Considerações finais

Arturo Ornelas afirmou que esteve em São Tomé por um ano, sendo oito meses na comunidade de Monte Mário. Ao final de sua estadia, o grupo participante do Círculo de Cultura já lia e escrevia. Contou ao grupo de pesquisadores santomenses sua recordação sobre a avaliação final do processo:

Então, quando eu terminei de, em seis, sete meses de alfabetizar morando lá em Monte Mário, e fazemos uma avaliação do processo, essa gente já escrevia, né? Já escrevia, essa gente já lia, essa gente já conhecia, havia feito uma investigação pessoal da sua própria vida e do sentido da sua própria existência.

E então, havia um velhote lá, um homem grande, de uns 60 anos, 65 anos. A sua avaliação foi esta, que eu vou dizer:

- ‘Artur’ - me diz, - ‘camaradas de meu povo. Agora que eu já sei escrever e ler, compreendo algo, que quando eu vou no mato e corto árvores para fazer lanchas, pequenos botes, construir, para pescar o bonito, eu entro no mundo da natureza. Quando eu salgo de lá com os árvores e construjo tablas’ - como se diz tabla em português?

[Estudantes] - Táboa.

Arturo - Táboa, ok. - ‘E com aquelas tábuas eu faço uma lancha, um bote’... - como você diz em português, lancha?

[Estudantes] - Canoa.

Arturo - Canoa! Correto, corretíssimo. - ‘Com aquelas tabuas eu faço uma canoa.

[ri] Eu faço uma canoa. Mas quando eu faço a canoa é o mundo da tecnologia, é o mundo da técnica, passo da natureza para a técnica. E depois, quando a gente me compra a canoa e vai pescar, isso é o mundo da produção. Quando a gente pesca,

volta para a terra, sai do mar e volta e vai a vender os peixes, esse é o mundo do comércio, é o mundo da produção nacional. Quando a minha mulher vende os peixes e volta-me com aquele dinero, e ela e eu falamos o que fazer com aquele dinero, esse é o mundo da política. Quando nós decidimos o que fazer e a gente está de acordo, esse é o mundo da construção da sociedade. Quando meus filhos sean velhos, velhos, ou viejos, ancianos'... - como você diz em português isso?

[Estudantes] - Velhos, idosos.

Arturo - Velhos, velhotes. - 'Quando meus filhos sejam velhotes e veem as minhas canoas, eles vão dizer, as canoas do meu pai são muito rústicas, isso lá es parte do mundo da história. Quando outros vengam e façam muito melhor as canoas, esse é o mundo da civilização, esse é o mundo do avance da cultura. Eu sei agora ler e escrever, mas eu também sei qual é o sentido da minha vida, com a minha família, qual é o sentido da minha família na minha história. Eu já não sou escravo, eu sou um homem livre. Eu aprendi contigo, Arturo, a ser livre. Obrigadíssimo'.

Após uma pausa pela emoção que a narração lhe havia suscitado, Arturo Ornelas concluiu sua apresentação, com a qual, também, concluímos este artigo histórico-memorialístico:

Eu nunca escribí isso que eu estou contando a vocês. [ri] Eu não preciso de escrever, porque São Tomé me ensinou a me escrever, não dentro do meu cérebro, mas dentro do meu espírito. São Tomé despertou em mim mi consciência espiritual. Por eso não preciso escribir, só pensar, me lembrar e reconhecer, que eu também sou uma pessoa de São Tomé. Porque São Tomé me ensinou, quando eu tinha 21 años que eu também já não era escravo, [ri] e, também eu, era livre. Obrigadíssimo, São Tomé.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BEZERRA, Aída. **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHEMANE, Orlando. **Paulo Freire e África: colonialismo, libertação e educação em Moçambique**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2017a.

CHEMANE, Orlando. O que Paulo Freire ensinou na África ou o segundo caderno de cultura popular. **Movimento** - Revista de Educação, Niterói, ano 4, n. 7, jul./dez. 2017b. p. 182-208.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961.

FAUNDEZ, Antonio. **Oralidade e escrita: experiências educacionais na África e América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo; MARIÑO, Germán. **Cartas a los alfabetizadores**. Quito: CEDECO, 1989.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DESPORTOS. **Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais**. República Democrática de São Tomé e Príncipe: Comissão Nacional Coordenadora dos Círculos de Cultura Popular, 1978.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DESPORTO. **A luta continua: Primeiro Caderno de Cultura Popular**. República Democrática de São Tomé e Príncipe: Departamento de Educação de Adultos e Alfabetização, 1980.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DESPORTOS. **A luta continua: Segundo Caderno de Cultura Popular**: textos para ler e discutir (iniciação à gramática). República Democrática de São Tomé e Príncipe: Comissão Nacional Coordenadora dos Círculos de Cultura Popular, 1978.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DESPORTOS. **A luta continua: Terceiro Caderno de Cultura Popular**: trabalho, produção e conta. República Democrática de São Tomé e Príncipe: Comissão Nacional Coordenadora dos Círculos de Cultura Popular, 1978.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **A luta continua: Quarto Caderno de Cultura Popular**: trabalho, produção, cultura e saúde. República Democrática de São Tomé e Príncipe, 1979.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DESPORTO; FAUNDEZ, Antonio. **A luta continua: Quinto Caderno de Cultura Popular**: participação e reconstrução nacional. República Democrática de São Tomé e Príncipe: Departamento de Educação de Adultos e Alfabetização, s. d.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DESPORTO. **A luta continua: Sexto Caderno de Cultura Popular**: lendas populares e testemunhos históricos. República Democrática de São Tomé e Príncipe: Departamento de Educação de Adultos e Alfabetização, 1982.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CULTURA E FORMAÇÃO. **Carta de política educativa São Tomé e Príncipe** (visão 2022). Primeira versão maio 2012. República Democrática de São Tomé e Príncipe, 2012.

SEIBERT, Gerhard. **Camaradas, clientes e compadres**: colonialismo, socialismo e democratização em São Tomé e Príncipe. Portugal: Veja, 2001.

UNESCO. Literacy: Gateway to fulfilment. **The Unesco Courier**. Paris, June, 1980.